

Literacia dos Novos *Media*

Rita Espanha e Tiago Lapa (organizadores)

LITERACIA DOS NOVOS *MEDIA*



LISBOA, 2019

© Rita Espanha e Tiago Lapa (organizadores), 2019

Rita Espanha e Tiago Lapa (organizadores)
Literacia dos Novos Media

Primeira edição: novembro de 2019
Tiragem: 200 exemplares

ISBN: 978-989-8536-70-9
Depósito legal:

Composição em caracteres Palatino, corpo 10
Conceção gráfica e composição: Lina Cardoso
Capa: Lina Cardoso
Imagem da capa:
Revisão de texto: Ana Valentim
Impressão e acabamentos: Realbase

Este livro foi objeto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa
Tel.: (+351) 217 903 238
Fax: (+351) 217 940 074
E-mail: editora.cies@iscte.pt
Site: <http://mundossociais.com>

Índice

Índice de figuras e quadros.....	vii
Introdução.....	1
1 Literacia e estrutura social. Perspetivas e debates.....	7
<i>Tiago Lapa e Jorge Vieira</i>	
2 Literacia mediática e cidadania	29
<i>Paula Lopes e Patrícia Ávila</i>	
3 Novos <i>media</i>, literacia e escola. Aprendizagem numa cultura participativa?	45
<i>Pedro Abrantes, Vanda Calado e Patrícia Baptista</i>	
4 Literacia e notícias na era das <i>fake news</i>. O caso português	63
<i>Ana Pinto Martinho, Miguel Paisana e Gustavo Cardoso</i>	
5 A visibilidade da literacia em saúde nas notícias dos <i>media</i>. O caso português	87
<i>Rita Espanha e Andrea Oliveira</i>	
6 Literacia visual	103
<i>Ricardo Campos e Daniel Meirinho</i>	
7 Novos <i>media</i> e gerações. Pensar as veredas da literacia	125
<i>Tiago Lapa e Branco di Fátima</i>	
8 Família, mediação parental e literacia mediática	143
<i>Sara Pereira</i>	
9 A pesquisa da literacia dos novos <i>media</i>	163
<i>Tiago Lapa e Rita Espanha</i>	

Índice de figuras e quadros

Figuras

4.1	Questões certo/errado relacionadas com o funcionamento do setor dos <i>media</i> (Portugal, 2018).....	71
4.2	Grau de literacia noticiosa baseado no número de respostas corretas (Portugal, 2018).....	72
4.3	Grau de literacia noticiosa por género e idade (Portugal, 2018)	74
4.4	rau de literacia noticiosa por escolaridade (Portugal, 2018)	75
4.5	Grau de literacia noticiosa por rendimento do agregado familiar (Portugal, 2018).....	75
4.6	Principais fontes de notícias por grau de literacia noticiosa (Portugal, 2018).....	76
4.7	Alcance das marcas <i>online</i> mais utilizadas na semana anterior por grau de literacia noticiosa (Portugal, 2018).....	77
4.8	Aspetos mais importantes na decisão de clicar em conteúdos noticiosos em redes sociais por grau de literacia noticiosa (Portugal, 2018)	78
4.9	Confiança em notícias por grau de literacia noticiosa (Portugal, 2018).	79
4.10	Proporção de inquiridos que diz estar preocupada com o que é real e falso na <i>internet</i> por grau de literacia noticiosa (Portugal, 2018)	80
4.11	Proporção de inquiridos que comprou jornais impressos na semana anterior/pagou por notícias digitais no ano anterior por grau de literacia noticiosa (Portugal, 2018)	81
4.12	Proporção de inquiridos que utilizam <i>software</i> de <i>adblocking</i> por Grau de literacia noticiosa (Portugal, 2018).....	81
6.1	Photovoice Path — <i>Doing Your Own PhotoVoice Project</i> (Lorenze, 2010).	114
6.2	Formação do projeto <i>Olhares em Foco</i> com jovens no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, 2012 (fotografia: Jorge Quintão)	115
7.1	Utilização da <i>internet</i> por escalões etários (%)	132
7.2	Utilização da <i>internet</i> em dispositivos móveis por escalões etários (%)	135

7.3	Análise de correspondências múltiplas: atitudes face aos conteúdos na <i>internet</i>	137
8.1	Os dez temas em destaque nas publicações sobre <i>media</i> e família	147
8.2	As dez revistas com mais artigos sobre <i>media</i> e família (2005-2015)	148
8.3	Grau de concordância dos pais sobre se a escola deveria ajudar as crianças a desenvolver uma relação crítica e consciente com os <i>media</i> ...	157
8.4	Grau de concordância dos pais relativamente à implementação do Magalhães	159

Quadros

1.1	Indicadores de economia digital e sociedade (agregados familiares e indivíduos)	21
1.2	Fatores explicativos da utilização da <i>internet</i> em Portugal (variável dependente: utilizador ou não utilizador)	23
5.1	Metodologia, amostra e unidade de análise	93
5.2	Modelo de análise de conteúdo das notícias com IFLS	94
5.3	Presença e relevância da IFLS nas notícias	95
5.4	Presença de IFLS nos diferentes <i>media</i>	95
5.5	Domínios da saúde nas notícias.....	96
5.6	Temas de literacia em saúde nas notícias.....	97
7.1	Utilização da <i>internet</i> em países do WIP (%)	129
7.2	Razões para não usar a <i>internet</i> por país do WIP (%).....	130
7.3	Utilização da <i>internet</i> por rendimento e escolaridade da população total (%)	133
7.4	Utilização da <i>internet</i> por rendimento e por escolaridade em indivíduos com mais de 55 anos (%).....	134
7.5	Utilização da <i>internet</i> em dispositivos móveis por país (%).....	135
7.6	Número de meses em que usa a <i>internet</i> por escalões etários (%)	136
8.1	Número de artigos sobre <i>media</i> e família publicados nas revistas indexadas à Communication Abstracts entre 2005 e 2015	147
8.2	O computador <i>Magalhães</i> foi o primeiro computador a entrar em sua casa? (por nível de escolaridade)	158
8.3	O computador <i>Magalhães</i> foi o primeiro computador a entrar em sua casa? (por nível segundo a Classificação Portuguesa das Profissões (CPP)).....	158

Como já não a posso praticar, hoje mais do que nunca aprecio o quão importante a comunicação é para a república: não apenas os meios pelos quais vivemos em conjunto, mas parte daquilo que vivemos em conjunto.

A riqueza das palavras com que cresci era por si só um espaço público — e espaços públicos devidamente preservados é o que hoje em dia tanta falta faz. Se as palavras precisarem de ser reparadas, o que as substituirá? Elas são tudo o que temos.

Tony Judt, *O Chalet da Memória* (2011: 155)

Introdução

Aparentemente, todos os indivíduos se podem exprimir livremente no ciberespaço, dizem, mas, mesmo com redes de comunicação alargadas e vastas, a melhoria das condições democráticas na era da informação não reside numa solução simplesmente tecnológica, mas terá de atender às distintas condições dos cidadãos e às culturas políticas e cívicas que contextualizam e influenciam a apropriação das TIC no sistema político.

Segundo Castells, “o que o poder da tecnologia faz é ampliar extraordinariamente as tendências definidas na estrutura social e nas instituições: as sociedades opressoras podem sê-lo ainda mais com novos instrumentos de vigilância, enquanto as democracias, as sociedades de participação e de representação podem sê-lo ainda mais ao distribuir maior poder político através do poder da democracia” (Castells, 2004: 300).

Atentemos então ao conceito de cidadania, em que é imperativo considerar, em primeiro lugar, a capacidade de cada indivíduo se constituir enquanto cidadão. E isso significa, entre outros aspetos, ter uma nacionalidade (ou uma pertença), ter consciência dos seus direitos, mas também dos seus deveres, ter um grau de autonomia tal que lhe permita exercer esses direitos e assumir esses deveres.

É possível dizer-se que a autonomia dos indivíduos, enquanto cidadãos, se constrói, então, em primeiro lugar, a partir do conhecimento, nomeadamente das possibilidades de exercício da cidadania e da capacidade de cada indivíduo intervir, de forma ativa e concreta, em aspetos coletivos e substantivos da sociedade em que se insere. Esse exercício de cidadania implica o acesso à informação, escolha e oportunidade de efetivamente poder escolher, a representação e opção por essa representação, a acessibilidade em relação ao conhecimento e à informação, a acessibilidade física e objetiva e a real possibilidade de participação ativa e a sua satisfação.

Ora, estes aspetos aqui listados são os pressupostos para a existência de uma cidadania ativa e em que a autonomia, o *empowerment* do cidadão, o conhecimento e a informação são palavras-chave.

Retomamos então, necessariamente, as questões da literacia e particularmente da literacia dos novos *media* se queremos discutir a cidadania ativa. Termos como educação para os *media*, literacia mediática, educação para a comunicação, literacia digital, alfabetização mediática, educomunicação, etc. são reveladores de uma nebulosidade geral perante o que verdadeiramente se está a querer definir (Pinto *et al.*, 2011).

Estruturar uma discussão sobre estes temas implica reconhecer a esfera dos *media* como um campo de produção simbólica a uma escala alargada. Segundo as orientações da European Science Foundation (2008), assumir a tecnologia como variável independente, mas, também, potencialmente dependente, é estabelecer o uso enquanto processo reflexivo, como uma prática social mais do que como padrão de consumo, razão que justifica também a posição do indivíduo dentro da esfera mediática. Como definir o papel do indivíduo dentro da esfera mediática? Como consumidor, cidadão, cidadão-consumidor, utilizador, recetor, produtor? A discussão está, portanto, relacionada com tecnologia, mas não é exclusivamente sobre tecnologia ou consumos diretos através desta. Prende-se, sobretudo, com o risco do posicionamento acrítico dos indivíduos perante elementos aos quais estão permanentemente expostos, num contexto informacional em rede e, a partir daí, com os fluxos informacionais, recebidos e gerados num contexto informacional em rede. A literacia para os *media* é, assim, um elemento de ponderação de processos e práticas sociais com uma dinâmica tecnológica por trás, mas não só.

Maiores níveis de literacia digital (utilização e manipulação de novos *media*) não significam necessariamente maiores índices de literacia *lato sensu*, mas abrem caminho para uma reestruturação teórica do que se entende por literacia para os *media*, inclusão e exclusão informacional e, conseqüentemente, maior capacitação para o exercício da cidadania.

Na modernidade e, em particular, na era dos novos *media*, os ecrãs têm-se, em larga medida, sobreposto ao livro como meio de comunicação dominante. Na modernidade, esta mudança dramática aparentemente tornou a imagem, em vez da escrita, o centro da comunicação. A comunicação escrita do livro viu a sua relevância ser posta em causa pelos meios de comunicação de massa.

Contudo, o aparecimento da comunicação mediada por computador e as mensagens de telemóvel vieram trazer a escrita de volta aos ecrãs. O novo panorama mediático trouxe consigo a comunicação em rede, que interliga vários modelos comunicacionais. Esta realidade, e a miríade de dispositivos mediáticos ao nosso dispor, convidou à própria problematização do conceito de “literacia”, tornando o conceito incerto, ou pelo menos mais complexo, justificando a designação plural de “literacias”. Além disso, têm surgido visões diferenciadas sobre o valor social das diferentes literacias. Se, por um lado, se faz a apologia do manejo das novas tecnologias, por outro, opõe-se o valor das literacias formalizadas nos currículos escolares às literacias obtidas de modo “informal”, em particular pelo uso das tecnologias mediáticas. Acrescente-se ainda que a estes fenómenos estão ligados processos de exclusão digital definidos pela noção de “literacias dos novos *media*”.

Este é um tema que se reveste de enorme importância dados os seus impactos nas relações geracionais, na definição de políticas públicas, na redefinição de

currículos escolares e na reflexividade dos indivíduos, em particular nas suas práticas de consumo, nas suas opções de vida e no que respeita à sua relação com o mercado de trabalho.

Este livro pretende ser, assim, uma compilação de um conjunto de contributos teóricos e de pesquisa realizados em Portugal, nos últimos anos, mas também tem pretensões de atuar na qualidade de um compêndio de apoio para o ensino e a investigação relacionada com a literacia mediática. Ele conta com as contribuições de diversos autores, está organizado e segue uma estrutura segundo as várias esferas e instituições nas quais a distribuição social da literacia é relevante.

O livro abre com o capítulo da autoria de Tiago Lapa e Jorge Vieira, que visa efetuar um enquadramento geral sobre as perspetivas e debates em torno da distribuição da literacia digital entre indivíduos e grupos sociais e dos seus efeitos na estrutura social. Os autores mapeiam ainda o posicionamento de Portugal em relação a outros países europeus enquanto sociedade informacional, procedem ao escrutínio da distribuição social da literacia na sociedade portuguesa segundo um conjunto de categorias sociodemográficas consideradas relevantes e, finalmente, discorrem sobre algumas implicações dos seus resultados para as políticas públicas.

Precisamente porque várias perspetivas estabelecem uma conexão entre literacia dos novos *media*, poder e participação, é de enorme relevância o capítulo 2, de Paula Lopes e Patrícia Ávila, em torno da relação entre literacia mediática e cidadania. Ora, as autoras desafiam precisamente a assunção dessa relação, embora seja muito proclamada e até apresentada como uma autoevidência. Considerando o contexto português, por um lado, as autoras demonstram de forma consistente as fortes desigualdades respeitantes à distribuição da literacia mediática. Por outro lado, sustentam que a relação entre literacia mediática e cidadania é intricada e carece de maior escrutínio quanto aos mecanismos que poderão sustentar tal relação.

No capítulo 3, Pedro Abrantes, Vanda Calado e Patrícia Batista relacionam a aprendizagem nos novos contextos mediáticos com os desafios que a escola, os contextos formais de ensino e o próprio desenho de políticas educativas enfrentam na sociedade em rede e num contexto de cultura participativa. Os autores começam por discutir as orientações públicas sobre a educação para os *media* e os seus desenvolvimentos tendo em conta avanços e contributos sobre o que se entende por literacia mediática, enquanto conceito e ferramenta educativa e de política pública de atuação na sociedade contemporânea. Nessa senda, assinalam também o modo como a educação para os *media* tem sido posta em prática no contexto educativo português e acabam por advogar a necessidade de uma política comum e visão integrada que enquadre as diversas ações locais no âmbito da educação para os *media*.

O capítulo 4, de Ana Pinto Martinho, Miguel Paisana e Gustavo Cardoso, intitulado “Literacia e notícias na era das *fake news*: o caso português”, refere-se a outra faceta da literacia mediática que tem merecido bastante atenção nos *media* nacionais e internacionais: a literacia em relação aos consumos informativos e noticiosos num contexto em que o jornalismo, em particular, e os *media*, em geral, vivem tempos de mudança e de generalização do uso das plataformas digitais e,

especialmente das redes sociais *online* e da apropriação destas como fonte muito relevante de informação. Nesta senda, procuram trabalhar de forma exploratória uma tipologia sugerida por Maskl *et al.* (2015) e que foi aplicada pelo Reuters Institute for the Study of Journalism a uma amostra de países selecionados no contexto do Reuters Digital News Report 2018, na qual se inclui Portugal, para aferir o conjunto de competências e aptidões que permite às pessoas não só o consumo crítico de conteúdos informativos como, também, o posicionamento destas no contexto mais abrangente do que são as práticas específicas da esfera jornalística. Este é um exemplo de como as questões relativas à literacia mediática se têm transformado em problemas sociais em contextos de sociedades reflexivas. Os autores sustentam que é importante perceber se os consumidores compreendem o processo de produção noticiosa e a realidade mediática, pois esta perceção é um dos fatores que ajudam a enquadrar a noção do que é ou não notícia. Assinalam ainda que fatores como a situação financeira, a escolaridade, entre outros, contribuem para visões e posições diferentes diante dos conteúdos informativos.

Além de fonte de informação jornalística, o estudo dos conteúdos dos vários *media* e das suas modalidades de receção também remetem para um campo de pesquisa em franco crescimento: a literacia em saúde. Neste quadro, Rita Espanha e Andrea Oliveira sustentam no capítulo 5 que os *media*, e as notícias em particular, surgem como um dos elementos estratégicos para o desenvolvimento da literacia em saúde. Apontam ainda que a promoção deste tipo de literacia está a gerar mudanças significativas na forma como as pessoas e as organizações percebem e gerem as questões de saúde. Deste modo, o objetivo das autoras passa por conhecer o nível de visibilidade da informação que fomenta a literacia em saúde — IFLS — nos diferentes meios de comunicação em Portugal. Analisaram para o efeito 947 notícias e os resultados preliminares indicam que as informações relacionadas com a promoção da literacia em saúde revelam um baixo nível de visibilidade nos meios de comunicação portugueses e igualmente que os temas relacionados com saúde pública e o combate a doenças têm maior cobertura noticiosa do que os temas associados à prevenção ou à gestão individual para uma vida saudável.

O quotidiano contemporâneo é também pautado por um conjunto de ferramentas tecnológicas, televisores, *smartphones*, *tablets*, computadores, jogos digitais, com ecrãs e imagens que compõem, segundo Ricardo Campos e Daniel Meirinho, a base de uma cultura tecnológica fortemente visualista. Neste âmbito, estes autores debruçam-se sobre a literacia visual no capítulo 6, ressaltando, no entanto, que a importância da imagem e da visão não é algo recente. Contudo, discute-se a perspectiva de que vivemos numa sociedade *ocularcêntrica*, condição que terá vindo a ser reforçada com a intensa criação tecnológica. Fundamenta-se que vivemos uma lenta alteração de paradigma, visto que a democratização de um conjunto de tecnologias digitais incentivou uma multiplicação da atividade criativa dos indivíduos que hoje produzem imagens em grande número e diversidade, utilizando câmaras fotográficas e de vídeo, telemóveis ou *smartphones*. Esbatem-se assim as fronteiras entre os profissionais e amadores. Sugerem ainda que a literacia visual pode constituir uma prática de participação e de cidadania em ação. Neste capítulo, os seus autores propõem discutir estas questões socorrendo-se do projeto de fotografia

participativa *Olhares em Foco*, com jovens no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, Brasil, que se define como um exemplo de inclusão social e de desenvolvimento da literacia visual, em que jovens em contextos de exclusão e vulnerabilidade utilizam a comunicação visual de forma sistemática para contar as suas próprias histórias, documentar o seu quotidiano e dar voz às suas ideias e interesses.

O capítulo 7, com os contributos de Tiago Lapa e Branco di Fátima, problematiza a intersecção entre novos *media* e gerações, propondo-se deste modo a pensar as veredas da literacia. O capítulo efetua uma investigação crítica das perspetivas que tendem a naturalizar a noção de “nativos digitais” a partir dos dados transnacionais do World Internet Project. É sustentado que a variável idade constitui um fator explicativo útil, mas limitado para compreender as alterações nas modalidades de domesticação da *internet* entre internautas. Além das perspetivas que tendem a naturalizar noções como a de “nativos digitais”, entre outras, é importante considerar abordagens alternativas às perspetivas centradas na fratura geracional nos usos digitais e em relações intergeracionais talhadas por vínculos diferenciados com as tecnologias da informação e comunicação.

As pesquisas sobre, por um lado, o papel dos *media* na família e, por outro, o papel da família em relação ao consumo mediático dos indivíduos mais novos são tópicos já com tradição na pesquisa nacional e internacional. Sara Pereira, uma referência da investigação deste tópico em Portugal, discute no capítulo 8 as relações entre literacia mediática no espaço doméstico, práticas quotidianas e políticas tecnológicas. Este capítulo apresenta-se estruturado em duas partes. O capítulo elenca, numa primeira parte, uma seleção de estudos, projetos, publicações e programas que têm como objeto de análise a família, as crianças e os *media*. A autora identifica as práticas de mediação parental como um dos principais tópicos destas produções, pelo que procura refletir sobre o seu contributo para a literacia mediática dos públicos mais novos. Na segunda parte, a autora centra-se num programa, o *e.escolinha*, que fez parte de uma política ao mesmo tempo tecnológica e educativa, para discutir os seus resultados, discernir sobre afinal quem eram os principais destinatários dessa iniciativa, apresentar as opiniões de famílias sobre o referido programa e explana porque poderá ter sido uma oportunidade perdida na promoção da literacia digital.

Finalmente, o livro fecha no capítulo 9, no qual Tiago Lapa e Rita Espanha refletem sobre a literacia dos novos *media* como campo de pesquisa, essencialmente do ponto de vista de diferentes abordagens metodológicas. Os autores referem os desafios e alguns problemas metodológicos específicos da pesquisa da interação entre agentes sociais e tecnologia, na qual se enquadram os conceitos de literacia digital e mediática. Esses desafios prendem-se com as dificuldades de pesquisar e medir de modo adequado e eficaz práticas mediáticas emergentes e pouco enquadradas, quer do ponto de vista teórico e conceptual, quer do ponto de vista da operacionalização da pesquisa. Realçam, portanto, a necessidade de adaptação das técnicas, mas argumentam, porém, que os desafios de analisar novas práticas e competências nos utilizadores dos novos *media* conferem simultaneamente uma oportunidade de estímulo à inovação quanto ao emprego e desenvolvimento de instrumentos de pesquisa sobre estas questões.

Referências bibliográficas

- Judt, Tony (2011), *O Chalet da Memória*, Lisboa, Edições 70.
- Castells, Manuel (2004), *The Network Society: a Cross-cultural Perspective*, Northampton, Edward Elgar.
- Pinto, Manuel, Sara Pereira, Luís Pereira, e Tiago Dias Ferreira (2011), *Educação para os Media em Portugal — Experiências, Actores e Contextos*, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Entidade Reguladora para a Comunicação Social.
- European Science Foundation (2008), *Media Studies: New Media and New Literacies*, Forward Look.